**Sentenças sobre a esperança[[1]](#footnote-1)**

*Não somos perfeitamente livres enquanto não vivemos de pura esperança*.

No segundo capítulo de seu livro “Homem algum é uma ilha”, Thomas Merton nos apresenta doze maravilhosas reflexões sobre a esperança, contextualizando-a, normalmente, na nossa relação com Deus e com o mundo que nos cerca.

A primeira delas Merton aponta à diferença entre esperança em Deus e esperança nas coisas visíveis deste mundo, destacando, inicialmente, que a pura esperança, a esperança sobrenatural, não está voltada para a confiança em meios humanos e visíveis, mas nos despoja de tudo para, como conseguinte, termos de tudo. Lembra-nos que conhecemos a Deus pela fé, mas o possuímos sem sentir-Lhe a presença pela esperança e, dessa forma, pertencendo-nos a Ele, assemelha-se a possuí-Lo, pois “*Ele se entrega totalmente àqueles que a Ele se entregam*”. Para Merton, ao mesmo em tempo que existe uma proporcionalidade entre a pura esperança e o desprendimento, precisamos ter esperança para que, pela fé, tenhamos uma próxima relação com Deus. Dessa forma, não apenas nos limitaremos ao mero conhecimento de que Ele é bom, mas experienciaremos a Sua misericórdia.

A segunda abordagem ressalta a esperança como confiança em Deus e não na nossa capacidade humana, destacando a vida no desespero decorrente do depositar a esperança nas coisas visíveis. Mesmo sendo a inteligência um instrumento humano, ela é uma dádiva divina, sendo necessário, entretanto, que deixemos a fé elevar, curar e transformar a luz da nossa mente, permitindo que, usando a inteligência e a livre vontade, mostremos a Ele que confiamos em Sua bondade e misericórdia. Por sermos filhos de Deus, somos gloriosamente livres e autônomos e devemos deixar que a esperança e a caridade robusteçam tal liberdade. Usemos com fé e esperança a vontade e o juízo que nos são dados por Deus.

A terceira nos traz a desconfortante apresentação sobre as duas possíveis formas de amar a Deus e de nEle depositarmos nossa esperança: ou esperamos dEle alguma coisa, ou, na certeza de seu amor, nEle esperamos. Elas podem até, segundo Merton, apresentarem-se de forma evolutiva, da primeira para a segunda, quando a esperança e a caridade unem-se, repousando-se em Deus. Lembra-nos o autor, então, que devemos sempre colocar nossa esperança no amor de Deus, ao invés de a depositarmos em algo que possa vir dEle.

A quarta reflexão destaca o desejo de ser amado por Deus como o único que é sempre e plenamente cumprido. Porém, para que isso ocorra, faz-se necessário que desejemos amá-Lo, o que se reveste no pleno exercício de nossa liberdade, quando nenhum outro desejo obstaculiza este amor. Mas lembra-nos Merton que este nosso amor a Deus deve ocorrer por Ele mesmo e não por qualquer outro interesse ilusório, pois neste caso o nosso amor a Deus ficaria na dependência da obtenção do desejo almejado.

A quinta sentença lembra-nos do amor sem medida que devemos ter por Deus, jamais limitando nossa esperança nEle depositada. Merton aponta, inclusive, como pecado o desvio do amor a Deus direcionando-o a outra coisa ou desejo, pois estaríamos, assim, aprisionando o amor e limitando a esperança.

Já na sexta, Merton nos apresenta algo desconcertante sobre a renúncia. Lembra-nos que devemos nos renegar a nós mesmos e renunciar o mundo, não por sermos maus, tampouco o próprio mundo, mas pela necessidade de uma esperança sobrenatural para descobrirmos o que de melhor há em nós e o que o mundo de melhor pode nos oferecer.

A sétima reflexão inicia com a afirmação que o “*demônio acredita em Deus, mas não tem Deus por Senhor*”. Partindo dessa premissa, Merton nos traz a esperança como a essência da vida, ou seja, ao vivermos sem vida, ou seja, sem esperança, permanecemo-nos em morte eterna, mesmo que ainda vivos. Neste caso, a esperança sustenta-se na crença das coisas são como são pelo desejo divino, especialmente as aparentes qualidades que apresentamos. Se assim visualizarmos, veremos além das nossas qualidades, as dos outros e a sua própria origem em Deus. Com isso, tudo de bom que existe em mim é proveniente do Altíssimo, razão de eu alimentar a mais profunda humildade.

A oitava sentença destaca a misericórdia e o zelo de Deus, o que é mais fácil de percebermos quando deixamos tudo de lado para O seguir. Isso não quer dizer que há dois divinos papeis distintos e opostos – o misericordioso e o justiceiro. Ambos se fundem na divina bondade, a quem depositamos nossa esperança. Destaca, inclusive, o autor, a possibilidade e a importância de se ter esperança em Deus, mesmo quando e onde não há qualquer esperança. Lembra-nos a esperança depositada em Cristo pelo ladrão ao seu lado crucificado, enquanto os doutores da lei jamais encontraram qualquer divindade no Senhor.

A Nona nos lembra como aqueles que enfrentaram o desespero são mais capazes de ter esperança na misericórdia divina. Dessa forma, chama a atenção para o perigo de uma vida sem aparentes problemas, pois estas podem ser mais desesperadas do que aquelas que normalmente se inclinam à possibilidade do desespero humano.

A décima reflexão aponta para como a esperança pode resolver o grande problema teológico ligado ao mistério do livre-arbítrio e da graça, da predestinação e da cooperação com Deus, lembrando-nos, para tanto, a fala de Paulo aos romanos: “*a esperança não confunde*” (Rm 5,5). Apesar de cada ato de esperança nos pertencer como livre opção, é também uma dádiva gratuita de Deus, é uma graça à salvação. O livre-arbítrio nos permite desejar a esperança e, ao mesmo tempo, esperá-la como dom de Deus. Assim, mostra-nos Merton que a esperança é a aliança entre a liberdade humana e a liberdade divina, fundindo a promessa com o início de sua realização.

A décima primeira sentença traz-nos a união entre a fé e a esperança. A primeira nos diz que Deus quer nos salvar a todos e a segunda, de forma complementar, faz-nos crer que Deus quer me salvar, pelo Seu desejo associado à minha esperança. Assim, diz-nos Merton: “*a esperança oferece a cada alma a substância de toda teologia*”. Continua o autor ao dizer que a esperança é sustentada pelo que se crê por intermédio da fé e compreende pela teologia, chegando a ser a esperança o limiar da contemplação, pois na esperança está embutida a essência das promessas do amor divino.

Finalizando, permitam-nos trazer a fala do autor na décima segunda sentença:

A esperança procura não somente a Deus e os meios de atingi-Lo, mas, sobretudo, a glória de Deus revelada em nós, manifestação final da Sua infinita misericórdia, que pedimos ao dizermos: “*Venha a nós o Vosso reino*”.

Resenha elaborada por Rev. Frei João Milton.

1. Segundo capítulo do livro Homem algum é uma ilha de Thomas Merton. [↑](#footnote-ref-1)